

Do entusiasmo patriótico à tragédia das trincheiras: A I Grande Guerra nas letras do Fado de Lisboa – RUY VIEIRA NERY

Universidade de Évora / Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos de Música e Dança (INET-MD)

A entrada de Portugal na I Grande Guerra, em Março de 1916, representa um momento de mudança radical na sociedade portuguesa. Pela primeira vez desde o final das Invasões Francesas soldados portugueses são agora chamados a combater fora das fronteiras do País ou das suas colónias, e a forte mobilização militar necessária para a campanha implica o recrutamento de milhares de jovens oriundos de todo o território nacional, que na sua maioria saem assim pela primeira vez da sua terra natal. É uma experiência que marca profundamente a vivência de toda uma geração e que não poderia deixar de se traduzir no imaginário popular sob a forma de uma intensa produção poética inspirada pelos acontecimentos. Na sua maioria, os poemas assim criados destinam-se a ser cantados, e o género preferido para este efeito é o Fado, que desde sempre constituía um veículo para a expressão da realidade quotidiana da população mais pobre. Embora o género esteja então ainda radicado sobretudo na zona de Lisboa, o seu processo de expansão começou já para outras regiões do País, por uma variedade de canais de transmissão que incluem os cantores cegos itinerantes, as redes de circulação comercial ligadas à capital, o circuito nacional de agitação e propaganda dos movimentos sindicalista, socialista e anarquista – em que militavam numerosos fadistas destacados que cantavam letras de intervenção política e social – e por último a indústria discográfica nascente. Numerosos fados que abordam a temática da guerra vêem os seus textos publicados em folhetos de grande divulgação popular que contribuem também eles para a disseminação deste repertório por todo o território nacional.

As primeiras letras de fados hoje conhecidos que abordam o tema da entrada na guerra reproduzem, na sua maioria, o discurso oficial do Governo republicano sobre a matéria: elogiam à partida a coragem e a determinação das forças portuguesas, anunciam triunfos militares em perspectiva e deixam sobretudo transparecer um nítido entusiasmo pela postura de lealdade de Portugal à sua aliança histórica com a Grã-Bretanha. A postura do movimento operário é, contudo, também em Portugal, hostil ao conflito, e desde

cedo encontramos neste espectro político-ideológico fados que apelam ao fim das hostilidades, ao internacionalismo proletário entre os soldados das potências bélicas envolvidas, ou mesmo à revolta armada e à deserção. Para esta postura contribui muito especialmente a experiência vivida da dureza da guerra das trincheiras, também ela inspiradora de poemas de lamento e de revolta, abandonando quase por completo a exaltação militarista inicial. Um último grupo de fados, compostos ou ainda durante o conflito ou nos anos imediatos ao fim das hostilidades, trata do balanço humano trágico da experiência: a experiência dos mutilados, dos órfãos e viúvas, das mães deixadas para trás.

Uma boa parte das letras de Fado que dão corpo de forma mais dramática a esta narrativa de sofrimento virá a ser proibida pela censura da Ditadura Militar e do Estado Novo, encorajando-se, pelo contrário, o registo patriótico da evocação do heroísmo português, quer de forma avulsa quer por vezes associado a quadros de revista. Num ou noutro destes registos o Fado dá um testemunho humano revelador da representação do conflito e do seu balanço trágico no imaginário popular português.